

REPRESENTAÇÃO E RAZÃO NEGRA EM CONCEIÇÃO EVARISTO: INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES

REPRESENTATION AND THE BLACK REASON IN CONCEIÇÃO EVARISTO:
INSUBMISSIVE TEARS OF WOMEN

Josane Silva Souza¹

RESUMO: A literatura, apesar de não possuir compromisso com a realidade, vem servindo como recurso, altamente efetivo, para albergar modos e costumes de uma sociedade. E é esse o artifício com o qual contamos para entender, a partir de que lugar, a escrita feita por pessoas negras revoluciona e preserva nossas expressões culturais e históricas. Desse modo, eu proponho discutir, neste artigo, o entrecruzamento entre história e ficção no conto “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, da escritora Conceição Evaristo (2016), levando em conta, a partir do texto ficcional, como as histórias e memórias de pessoas negras foram necrosadas pelo processo de escravidão e como é possível redimensionar nossas experiências, como sujeitos que caminham para outra história possível. Para tanto, pretendo, inicialmente, fazer uma contextualização dos espaços e histórias que assentaram a produção literária da coletânea de contos “Insubmissas lágrimas de mulheres”, publicada pela primeira vez em 2011. Para embasar, teoricamente, a análise do conto, tomo como referência principal os autores Stuart Hall (2016), com o livro “Cultura e representação” e Achille Mbembe (2014), com o livro “Crítica da Razão Negra”. Essa decisão se sustenta, especialmente, a partir das reflexões que ambos fazem em suas obras a respeito da existência do sujeito negro.

PALAVRAS-CHAVE: Representação; Razão negra; Literatura; Insubmissas lágrimas de mulheres.

ABSTRACT: Literature, besides not needing to commit to reality, has been a highly effective source to shelter a society manners and habits. And this is the device we rely on to understand, from which placeblack people’s writing revolutionizes and preserves our cultural and historical expressions. Therefore, I propose to debate, in this article, the interweaving history and fiction in the short story “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, by the Brazilian writer Conceição

¹ Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia – Brasil. Doutoranda em Letras: Linguagens e Representações na Universidade Estadual de Santa Cruz – Brasil. Professora Assistente da Universidade Estadual de Santa Cruz – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2006-926X>. E-mail: josane.souza@hotmail.com.

Evaristo (2016). Itake into account, based on the fictional text, how stories and the memory of black people were necrotized by the slavery trade and how we can attribute new values to our experiences, as subjects that move towards the possibility of a different story. For this purpose, at first, I aim to contextualize the settings and stories that settle her literary work in the short story collection *Insubmissas lágrimas de mulheres* (Insubmissive tears of women), published for the first time in 2011. In order to substantiate the analysis of the short story, theoretically, I bring as a main reference, Stuart Hall (2016) in his book *Representation* and Achille Mbembe (2014), in his book *Critique of Black Reason*. This decision is based, especially on the both authors reflection of the existence of the black subject.

KEYWORDS: Representation; Black Reason; Literature; *Insubmissas lágrimas de mulheres*.

1 INTRODUÇÃO

Letras pretas

A sociedade só compreende a vida
 Clara, muito claramente
 Minhas letras vagam
 Pela negritude que sou eu
 Empretecem os meus caminhos
 São canivetes afiados
 Que denunciam os negros finados
 O racismo velado
 E sei que cada vocábulo
 Não está sozinho
 Tem o axé dos meus ancestrais
 É banto, jeje, nagô
 Palavras que escoarão
 Resignificando a escuridão
 Pois as letras pretas fazem percursos
 próprios
 Nunca foram claras,
 Nem nunca serão.

(Odailta Alves, 2019)

Começo minha escritivência com o poema Letras pretas, da escritora negra e pernambucana Odailta Alves, uma vez que sua poesia veste minha escrita de ancestralidade. Através de seu poema, penso que minhas “letras pretas fazem percursos próprios”, mas não ecoam sozinhas, afinal eu sou porque nós somos – ubuntu.

Ainda que, do ponto de vista da nossa ancestralidade africana, as práticas de oralidade sejam muito eficazes como expressão cultural de um povo, a escrita, em seu sentido amplo, permanece sendo o principal meio de preservação de histórias. Desse modo, se o crivo que mede e legitima a existência da história e da cultura de um povo, por séculos, é a escrita, onde nos situamos como comunidade negra, sem nossos escritos registrados na História Oficial?

Fincamos nos movimentos de reexistência (SOUZA, 2011), é neles que passamos ao ofício da escrita, que terá métodos próprios, sem caber na fôrma branca. Essa escrita preta não balbucia, ela grita e, por vezes, incomoda os leitores carentes de metáforas e outras figuras de linguagens, pois não trabalhamos com sentido figurado, nossas letras pretas estão nas pontas certeiras da lanças oxossianas.

Portanto, principalmente na escrita literária, considero que não abandonamos as práticas de oralidade, uma vez que elas foram integradas ao modo como escrevemos e são traços significativos na construção e preservação de nossas identidades. É importante destacar, ainda, que, diferente da branquitude, que usa a escrita como uma forma de expressão, para nós negros, a escrita funciona tanto como um método de expressão, bem como a expressão em si.

A partir disso, é preciso discutir dois pontos bem substanciais sobre o texto literário escrito por pessoas negras. O primeiro ponto advém do fenômeno de que várias autoras negras são interpeladas, reiteradas vezes, se suas

narrativas não seriam autobiografias, uma vez que falam dos corpos, sujeitos, vozes e protagonismo negro no mundo. Bom, se a obra de uma pessoa negra, com registros estéticos e experiências coletivas possíveis, é uma autobiografia, pessoas brancas que passaram séculos escrevendo sobre seus próprios mundos, vinhos, salões de Viena, seria o quê? Literatura com L maiúsculo? É desconcertante a mudança de paradigma para definir o valor simbólico daquilo que produzem pessoas negras. Evaristo, cuja obra é objeto de análise deste artigo, já nos alertava para isso:

Fica no imaginário do brasileiro algumas competências para o sujeito negro, acredita-se que ele saiba dançar, cantar, principalmente no caso das mulheres, cozinhar, mas acredita-se que as competências intelectuais, principalmente as literárias, não. Não se tem dificuldade em conhecer uma música negra brasileira, ou reconhecer que as culturas africanas influenciaram a música brasileira. Ou a culinária negra.

Mas quando se trata da literatura, talvez porque ela use o maior bem simbólico da nação que é a língua, essa escrita negra não é creditada (EVARISTO, 2018, s/p).

Fica evidente que quando escrevem os brancos suas obras são consideradas pelos críticos literários como Literatura, de outro modo, quando escrevem os negros, suas obras poderão ser compreendidas como autobiografia, - ou, quando muito, literatura de militância-, ainda que ambas as produções tenham como características a ficção, a fantasia, o insólito, o irreal. Essa mudança de paradigma não é uma coincidência.

Tanto o romance quanto a autobiografia são gêneros bem definidos. Se pegarmos *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo (2003), e as autobiografias *Minha história*, de Michelle Obama (2018), e *Uma autobiografia*, de Ângela Davis (2019), todas três mulheres negras, é notória essa diferença estética. Não há confusão a qual gênero pertencem essas obras. Obviamente, a discussão aqui não é se o valor do gênero autobiográfico é inferior aos outros gêneros

literários, até mesmo porque, como pesquisadora, não creio que essa seja uma comparação possível ou efetiva para construir o que quer que seja. A questão é que quando tratam narrativas de autores negros como autobiográficas, estão jogando essas produções para fora do campo dos estudos literários, instituindo-lhes a ausência do ser. Exemplifico de outro modo, quantas vezes ouvimos de pessoas do nosso cotidiano que funk, arrocha, *reggaeton* e tantos outros ritmos populares não são música? Ao definirem esses ritmos como não-músicas, excluem qualquer possibilidade de discutir seus efeitos estéticos no campo dos estudos musicais. A mesma coisa fazem com as literaturas produzidas por negras e negros.

Disso surge o segundo ponto: importa mais o que é escrito ou quem escreve? Pelo visto, depende de quem escreve e do que é escrito. Explico, se analisarmos *O sol é para todos* (1982) (*To kill a Mockingbird*, em inglês, (1960)), da autora estadunidense e branca Harper Lee, ainda que a sua obra seja construída a partir de um enredo baseado em memórias de sua família e contada por Scout Finch, narradora do romance, não a consideraremos como autobiografia. Entretanto, se a história, baseada em fatos reais, fosse contada a partir do ponto de vista de Tom Robinson, - não da personagem principal do romance, mas do homem negro e acusado injustamente de estuprar uma jovem branca-, será que seria considerado um romance? Outros questionamentos ainda são possíveis: venderia tanto e ganharia um *Pulitzer*? Viraria filme e ganharia um *Oscar*? A história tem nos mostrado que não. Por isso, talvez, importa o que é escrito se quem escreve é uma autora branca ou autor branco.

Nesse panorama, precisamos considerar as identidades do sujeito como critério na formatação do processo de expressão de um escritor ou escritora e a raça é uma categoria determinante, contudo, somente, para as pessoas negras, conforme já advertia Hall (2013). Isso fica evidente nas perguntas que sempre são feitas às pessoas negras que escrevem literatura. Vejamos no excerto da seguinte reportagem:

Brasil de Fato: Como se dá a influência da questão racial na sua literatura?

Conceição Evaristo: Tudo que escrevo, tanto do ponto de vista literário, quanto [meus] ensaios e pesquisas, são profundamente marcados pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira. Então eu procuro trazer no meu texto personagens, homens, mulheres, crianças, ambientes, posturas de vida, acontecimentos praticamente relacionados com a minha experiência enquanto mulher negra, nesse ambiente de corpos africanos escravizados no Brasil. Há toda uma herança histórica do povo negro presente no meu texto como memória, retomando alguns fatos, ou como acontecimentos do cotidiano (BRASIL DE FATO; EVARISTO, 2018, s/p).

Não consigo dimensionar como essa pergunta seria possível para uma escritora branca, já que sua raça é marcada por um axioma universal, ideal e aceitável. Defendo, contudo, que não há problema, do ponto de vista metodológico, com a pergunta do periódico em si, mas com o fato de perguntas como essas ainda serem necessárias. É certo que o conceito de escriturabilidade, cunhado por Evaristo, dá conta de um projeto estético que visibiliza as histórias e experiências de mulheres negras na ficção, mas que fique claro que a categoria de raça não é a única a representar as múltiplas identidades de uma mulher negra. Negro e raça não podem ser vistos como uma única coisa; sua expressividade, tanto na ficção, quanto na vida real, vai muito além disso.

Desse modo, a literatura, apesar de não possuir compromisso com o real, vem servindo como recurso, altamente efetivo, para albergar modos e costumes de uma sociedade. E é esse o artifício com o qual contamos para entender, a partir de que lugar, a escrita feita por pessoas negras revoluciona e preserva nossas expressões culturais e históricas.

Considerando todas essas questões, eu proponho discutir, neste artigo, o entrecruzamento entre história e ficção no conto *Maria do Rosário Imaculada dos Santos*, da escritora Conceição Evaristo, levando em conta como, a partir do

texto ficcional, de que forma é possível redimensionar nossas experiências, como sujeitos que caminham à outra história possível.

2 DA REPRESENTAÇÃO À RAZÃO NEGRA: INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES

Stuart Hall, ao afirmar que vai “explorar exemplos de repertório de representação e suas práticas que foram utilizadas para marcar a diferença racial e significar o “Outro” racializado na cultura popular ocidental” (HALL, 2016, p. 161), questiona: “como foi formado este arquivo e quais foram suas figuras e práticas típicas?” (HALL, 20116, p. 161). É essa pergunta que vai servir de gatilho para uma profunda e valiosa reflexão de como os corpos negros tomaram forma no mundo ocidental. Nessa mesma direção, Mbembe questiona a respeito da razão negra no mundo: “Quem sou eu?”

Para dar seguimento aos objetivos ora propostos, considero importante destacar de qual lugar falam Conceição Evaristo (1946), Achille Mbembe (1957), como é mais conhecido, e Stuart Hall (1932-2014). Maria da Conceição Evaristo de Brito, mais conhecida como Conceição Evaristo, nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais. É escritora, poetisa, romancista e ensaísta. Recebeu diversos prêmios: Prêmio Jabuti de Literatura 2015; Faz a Diferença - Categoria Prosa 2017, Prêmio Cláudia - Categoria Cultura 2017. Suas principais obras são: Ponciá Vicêncio (2003); Becos da Memória (2006); Poemas da recordação e outros movimentos (2017); Insubmissas lágrimas de mulheres (2011; 2ª edição pela Editora Malê, 2016); Olhos d’água (2014); Histórias de leves enganos e parecenças (2016).

Mbembe nasceu nos Camarões, possui formação em Filosofia e História, tendo como principais temas de investigação História da África, Ciências

Sociais, Política e Pós-colonialismo. Suas principais obras são: *Sair da grande noite* (2014); *Crítica da razão negra* (2013); *Necropolítica* (2018).

Stuart Hall nasceu na Jamaica, mas teve grande atuação intelectual no Reino Unido, onde foi reconhecido como um dos fundadores dos Estudos Culturais. Foi professor de sociologia da *Open University*, onde tornou-se professor emérito. Publicou dezenas de livros, entre os quais destacam-se: *Da diáspora*; *A identidade cultural na pós-modernidade*; *Cultura e representação*.

Três autores, três autores negros, três autores negros que vivem ou viveram em contexto diaspórico, situação que os colocam em diálogo, pois suas vivências ou escrituras funcionam como uma denúncia dos efeitos trágicos deixados pela escravização e colonização. Sobre escritura, Conceição Evaristo afirma o seguinte:

Quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um 'corpo-mulher-negra em vivência' e que, por ser esse 'o meu corpo, e não outro', vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimentaria (EVARISTO, 2016, s/p).

Na minha percepção, a produção literária de Conceição Evaristo se circunscreve no conceito Decolonial, que é compreendido por Catherine Walsh (2009) como um apontamento ou provocação de um posicionamento – uma postura ou atitude contínua- de transgressão e intervenção de processos históricos, sociais, políticos e artísticos já convencidos pela crônica “oficial”. Segundo Walsh “*lo decolonial denota, entonces, un camino de lucha continuo en el cual podemos identificar, visibilizar y alentar “lugares” de exterioridad y construcciones alternativas.*” (WALSH, 2009, p. 14-15). É desse modo que vejo a produção literária de Evaristo, como um caminho de luta para assentar e visibilizar histórias de pessoas negras na literatura.

Minas Gerais, estado onde nasceu Conceição Evaristo, foi e permanece sendo espaço de produção e subsistência de identidades negras e de como essas identidades realocam os olhares sobre a questão social das pessoas negras no Brasil. No século XVIII, a maior parte da população negra liberta vivia por essas terras, isso se dava devido ao fato de que negros eram trazidos da África para trabalhar na extração de minério e, para tanto, selecionavam-se pessoas negras altamente capacitadas para o serviço, conforme explica o professor de História da UFMG, Eduardo França Paiva:

Durante muito tempo se pensou que o tráfico de escravos acontecia da seguinte forma: um negociante, um traficante, chegava num porto africano, nesse porto já estavam aí uma quantidade grande de negros já escravizados, que vinham de vários lugares, e pegava-se todos esses negros, enchia-se um navio. Essa aparente irracionalidade do tráfico parece não ter existido nunca. A maior parte dos escravos africanos que entra nessa região de mineração, são escravos provenientes de regiões mineradoras muito antigas do continente africano. Conheciam técnicas e técnicas específicas, inclusive formas que foram muito utilizadas aqui (PAIVA, 2010, s/p).

Conceição Evaristo, ao ser reconhecida nacional e internacionalmente como uma escritora negra e mineira, confere a Minas Gerais um regresso e reconhecimento à sua origem negra, em vários setores. Chamo atenção, por exemplo, para a arquitetura barroca de várias cidades de Minas Gerais, que por muito tempo vem sendo exaltada como uma produção feita com inspiração na arte europeia, entretanto, o professor Paiva desconstrói essa percepção, do seguinte modo:

A região de Moçambique. Essa região toda tem pedras sabão, o que nós chamamos de pedra sabão, e inclusive cidades inteiras construídas em pedra sabão. É um mineral que durante muito tempo se pensou que essa pedra sabão fosse algo exclusivo dessa região central das minas. Por isso todas as igrejas e todas as famosas portadas de Aleijadinho e dos outros escultores são sempre feitas em pedra sabão. Pensou-se muito, durante muito tempo, que isso foi

feito com técnica europeia, não é mesmo. São escravos que conheciam técnicas, instrumentos, ferramentas específicas pra trabalhar com a pedra sabão (PAIVA, 2010, s/p).

Esse é um dos muitos exemplos de que são subtraídas dos negros suas grandes realizações, sejam na arte, na política ou na literatura. E isso se deve, principalmente, ao fato de os responsáveis pela crônica oficial se sentirem no direito de interceptar tudo aquilo que lhes convêm, como um direito universal e inquestionável. Entretanto, a escrituragem de Conceição Evaristo questiona essa crônica oficial e assegura outros meios de realocar as experiências negras no mundo. Conceição Evaristo questiona, inclusive, as regras que a fizeram ser reconhecida somente aos 71 anos de idade (EVARISTO, 2018, s/p).

Nesse mesmo sentido, muitas outras escritoras negras mineiras vêm escrevendo suas literaturas, também questionando esses lugares. E as cito, principalmente, como forma de reconhecer seus feitos e fazê-las serem reconhecidas pelos leitores desavisados. São elas: Carolina Maria de Jesus; Ana Maria Gonçalves; Lavínia Costa; Madu Costa; Cidinha da Silva; Juliana Costa; Júlia Cristina Costa.

3 ESCRIVIVÊNCIAS DE INSUBMISSAS MULHERES

A moça, que me ensinou a ler, me ensinou outras coisas, mas nunca me perguntou nada sobre o tempo antes de eu chegar ali. Eu tinha um desejo enorme de falar da minha terra, de minha casa primeira, de meus pais, de minha família, de minha vida e nunca pude. Para eles, era como se eu tivesse nascido a partir dali. Todas as noites, antes do sono me pegar, eu mesma me contava as minhas histórias, as histórias de minha gente.

Mas, com o passar do tempo, com desespero eu via a minha gente como um

desenho distante, em que eu não alcançava os detalhes. Época houve em que tudo se tornou apenas um esboço. Por isso, tantos remendos em minha fala. A deslembração de vários fatos me dói. Confesso, a minha história é feita mais de inventos do que de verdades...

(EVARISTO, Conceição, 2016, p. 47-48)

Não por acaso a descrição dessa epígrafe pode ser comparada com as narrativas de muitas pessoas negras, que não sabem em que lugar da história foram jogados seus antepassados. Seus nomes e sobrenomes foram substituídos, violentamente, pelos dos escravizadores. Seus deuses quase foram catequizados, suas orações quase foram silenciadas. Mas nós estamos aqui resistindo, reexistindo e construindo outras narrativas e outras histórias para embalar nosso negro futuro.

Após essa breve contextualização, apresento a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, principal projeto de escrivência de Conceição Evaristo. A obra, da Editora Malê, reúne 13 contos, todos os títulos com nomes de mulheres, que são as protagonistas de suas histórias. São eles: *Aramides Florença; Natalina Soledad; Shirley Paixão; Adelha Santana Limoeiro; Maria do Rosário Imaculada dos Santos; Isaltina Campo Belo; Mary Benedita; Mirtes Aparecida da Luz; Líbia Moirã; Lia Gabriel; Rose Dusreis; Saura Benevides Amarantino; Regina Anastácia.*

Todas as histórias são protagonizadas por mulheres negras, em suas dores, amores, afetos e lugares. A narradora da obra é a responsável por colher essas histórias e remetê-las aos leitores. E em muitos momentos não conseguimos desvencilhar, através da narradora, o olhar de Conceição Evaristo. A sensação é de que é ela própria que viaja aos lugarejos e toma de assalto essas histórias, de forma delicada e sensível. Contudo, abandonando minhas elucubrações, destaco a fala da narradora da obra:

Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima de faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar (EVARISTO, 2016, p. 7).

Insubmissas lágrimas de mulheres é um título que traduz as fortalezas que constituem as mulheres negras desse mundo, que mesmo diante de suas dores e das violências nada atenuantes, empreendidas pelo machismo e racismo, não se deixam cair junto com suas lágrimas. Essas mulheres não experimentam o chão, a não ser que seja em uma cambalhota com suas crias ou no num sexo desesperado por um gozo, com amantes de todos os gêneros. O chão está para as lágrimas, mas não está para essas mulheres, não para as mulheres negras.

O conto eleito como objeto de análise deste trabalho é o quinto da coletânea, denominado *Maria do Rosário Imaculada dos Santos* e conta a história de uma menina negra que, ainda criança, foi roubada de sua família por um casal branco e levada para viver no Sul do Brasil. Ao ser raptada, Maria do Rosário Imaculada dos Santos deixou para trás toda sua família, sua identidade, seus sonhos de menina e a possibilidade de amar e ser amada, pois, com a nova circunstância e durante muito tempo de sua vida, o único amor que experimentou foi de seu cão, Jesuszinho.

A história além de falar das perdas, também fala dos traumas vivenciados por uma menina, com identidade fragmentada, que nunca pôde se encaixar em nenhum lugar e tampouco se desvencilhar de seu passado de promessas de uma vida em que poderia ter sido feliz. Já adulta, Maria do Rosário Imaculada dos Santos, mesmo depois de ganhar autonomia e já poder ir e vir, como ela mesma descreve, não conseguia regressar, por falta de coragem e por medo de não encontrar mais os laços que foram deixados há tanto tempo:

Às vezes, fico pensando qual teria sido a causa maior do meu regresso. Em dado momento de minha vida, ganhei autonomia, podia ir e vir. Acho que a coragem me faltou. Um temor me perseguia. Será que a cidade Flor de Mim ainda existia? Será que os meus ainda existiam? Será que, se eu chegasse por lá, eles ainda me reconheceriam como sendo uma pessoa da família? O tempo passando e Flor de Mim parecendo murchar em meus desejos (EVARISTO, 2016, p. 51).

A escolha desse conto se deu por eu vislumbrar a possibilidade de interpretar como se constrói e constitui o corpo negro de Maria do Rosário Imaculada dos Santos e, para tanto, utilizo-me das reflexões presentes na obra de Mbembe, “Crítica da razão negra”, em que toda discussão nasce em volta da questão em que o negro e sua razão negra vêm tentando responder há centenas de anos: “quem sou eu?” Como, também, do questionamento feito por Hall: como foi formado o arquivo de repertório de representação negra?

Essas são as mesmas perguntas que permeiam toda a vivência de Maria do Rosário Imaculada dos Santos, afinal ela teve não só seu corpo roubado, mas a sua história, seu afeto e o afeto de sua família, inclusive seu nome, já que os criminosos que a levaram lhe chamavam de “menina”. E não há coisificação mais trágica para um indivíduo do que a subtração do seu nome, principalmente se ele é da raça negra. Em seu livro, Mbembe afirma que interrogará

[...] a natureza do ressentimento, dando conta daquilo que constitui a raça, a sua profundidade tanto real como fictícia, as relações em que se expressa, e o papel que desempenha no movimento que consiste, como aconteceu historicamente com pessoas de origem africana, em transformar a pessoa humana numa coisa, num objecto ou em mercadoria (MBEMBE, 2014, p. 26).

Maria do Rosário Imaculada dos Santos é esse objeto ou mercadoria que pode ser repassada de mão em mão. Isso fica visível na parte do conto em que

ninguém se importa com sua história, nem mesmo quem se importa minimamente com sua existência. Mbembe destaca o seguinte:

Na realidade, tudo o que os Negros viveram como história não tem forçosamente de ter deixado vestígios; e, nos lugares onde foram produzidos, esses vestígios não foram preservados. Assim, impõe-se saber: na ausência de vestígios de fontes com factos historiográficos, como se escreve a história? Rapidamente começou a criar-se a ideia de que a escrita da história dos Negros só pode ser feita com base em fragmentos, convocados para relatar uma experiência fragmentada, e de um povo em pontilhado, lutando para se definir não como compósito absurdo, mas como uma comunidade cujas manchas de sangue são visíveis em toda a modernidade (MBEMBE, 2014, p. 59-60).

É importante lembrar que a marca da raça nunca é atribuída à pessoa branca, já que sua identidade já está posta e, portanto, é inquestionável. Sendo assim, sempre que, na atualidade, recorremos ao termo raça, automaticamente pensamos no sujeito negro. Raça e negro estão intimamente imbricados, conforme afirma Mbembe:

[...] o Negro e a raça têm significado a mesma coisa. Designações primárias, pesadas, perturbadoras e desequilibradas, símbolos de intensidade crua e de repulsa, a sua aparição no saber e no discurso moderno sobre o homem [...] foi, se não simultâneo, pelo menos paralelo; e, desde o início do século XVIII, constituiu [...] o núcleo complexo a partir do qual o projecto moderno de conhecimento se difundiu. Um e outro representam figuras gêmeas do delírio que a modernidade produziu (MBEMBE, 2014, p.10-11).

Ainda sobre esse delírio da produção da raça, Mbembe acrescenta:

Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele ou de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos em particular fizeram do Negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura, a da loucura codificada. A raça [...] terá sido a causa de devastações físicas

inauditas e de incalculáveis crimes e carnificinas (MBEMBE, 2014, p. 11).

Sobre os mundos euro-americanos, Hall destaca a existência de “três momentos importantes de encontro do “Ocidente” com os negros, que deram origem a uma avalanche de representações populares, baseadas na marcação da diferença racial” (HALL, 2016, p. 161), os quais ele explica do seguinte modo:

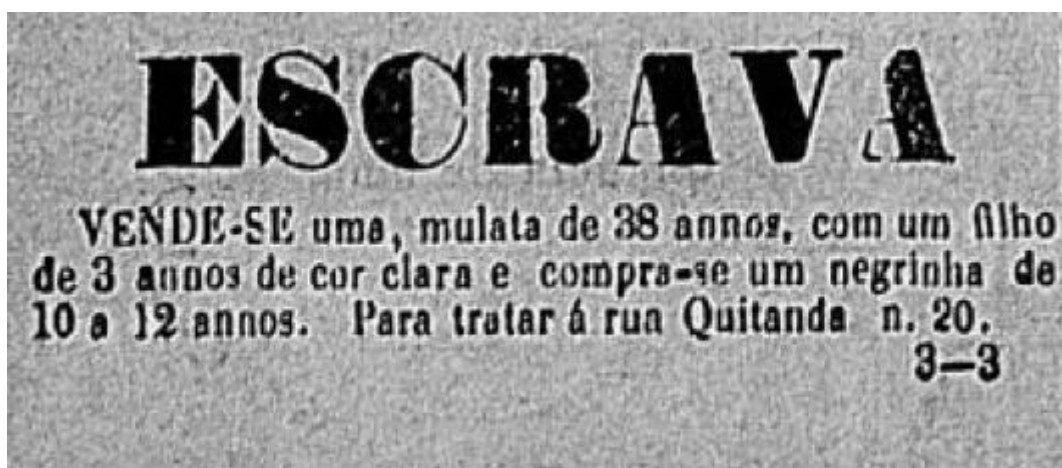
O primeiro teve início com o contato, no século XVI, entre comerciantes europeus e os reinos da África Ocidental, fonte de escravos negros durante três séculos. Seus efeitos podem ser encontrados na escravidão e nas sociedades pós-escravistas do Novo Mundo. O segundo momento ocorreu com a colonização da África e sua “partilha” entre as potências européias que buscavam controlar território, mercados e matérias-primas coloniais no período do “novo imperialismo. O terceiro momento ocorreu com as migrações pós-Segunda Guerra Mundial do “Terceiro Mundo” para a Europa e América do Norte (HALL, 2016, p. 161).

Esses três momentos possibilitaram a construção de um arquivo sobre corpos negros, em que corpos, como o da menina Maria do Rosário Imaculada dos Santos, pudessem ser sequestrados, violentados e mortificados. E isso se justificou porque, ao longo da história, o racismo foi tratado como um bem comercial. Ainda sobre a diferença racial, Hall afirma: “as imagens da diferença racial extraídas do encontro imperial inundaram a cultura popular britânica no final do século XIX. Na Idade Média, a imagem que a Europa tinha da África era ambígua” (HALL, 2016, p. 161), pois, ainda segundo Hall, ao mesmo tempo em que havia uma África misteriosa, o cristianismo considerava muitos desses mistérios positivos, já que havia muitas representações de uma cristandade negra.

No entanto, essa imagem de cristandade, que inclusive está ligada ao nome da personagem da obra, vai mudando aos poucos, uma vez que os africanos passaram a ser chamados de filhos de Cam, personagem bíblico

maledicente, situação que foi utilizada, ao longo da história, para justificar a escravização dos negros africanos, inclusive pela igreja católica, pois biblicamente interpretavam esses negros como seres inferiores, ausentes de alma e espírito, logo sua subjugação era aceita por quase toda sociedade da época, que usufruía das benesses da escravidão.

Sobre o corpo negro poder ser vendido ou roubado, tratado como mercadoria de pouco valor, Hall chama atenção para o fato de que “A publicidade foi uma das formas pela qual o projeto imperial ganhou forma visual em um meio popular, forjando a ligação entre o Império Britânico e a imaginação nacional” (HALL, 2016, p. 162). No Brasil, tempos depois, eram comuns anúncios de negros sendo vendidos, conforme podemos ver nessa imagem:



<Disponível em: <https://www.geledes.org.br/anuncios-de-escravos-os-classificados-da-epoca>>

No entanto, o uso da publicidade para a exploração da mão de obra escrava não permanece somente nos anos de escravidão, ainda é possível vivenciá-la de forma torpe e criminosa, conforme esse outro anúncio, na seção

de classificados de edição do Diário do Pará, veiculada no dia 2 de maio de 2015, gerando grande repercussão, devido à sua desumanidade e ao delito escancarados:



BABA - Casal Evangelico - Precisa adotar uma menina de 12 a 18 anos que Resida, para cuidar de uma bebe de 1 ano que possa morar e estudar, ele empresario e ela tambem empresaria. Apresentar-se com os Pais ou Responsavel no Cond. Viver Castanheira, bloco B-A6- Apt° 202. Br. 316 px. ao Viaduto do Coqueiro, ao lado da AMEPA. Melhores informacoes pelos fones: 98166-4606 / 98077-7213 / 9905-9845 / 99124-6196 / 98011-2559

0000702364-01

<Disponível em: <https://www.geledes.org.br/anuncios-de-escravos-os-classificados-da-epoca>>

Além da venda e roubo dos corpos negros, a questão da raça foi usada como mote para aniquilar as possibilidades de existência de uma subjetividade e de uma História Oficial de corpos negros, como aconteceu com Maria do Rosário Imaculada dos Santos, que, quando criança, tinha um desejo enorme de falar da sua terra, da sua casa primeira, de seus pais, de sua família, de sua vida

e nunca pôde. Para as pessoas à sua volta, era como se ela tivesse nascido a partir dali. Por isso, todas as noites, antes do sono chegar, ela contava a si mesma as suas histórias, as histórias da sua gente, como faziam os negros, quando chegavam da África, dando voltas ao redor do *Baobá*. Mas, com o passar do tempo, com desespero ela via sua gente como um desenho distante, em que não alcançava os detalhes, tornando-se apenas um esboço. Já adulta, Maria do Rosário Imaculada dos Santos nunca havia relatado sua história para ninguém, por vezes inventava uma história sobre sua origem, por vergonha ou por culpa. Ela foi submetida a um processo violento e perverso de culpa, que veio ao mundo antes mesmo dela. Para Mbembe

O Negro não existe, no entanto, enquanto tal. É constantemente produzido. Produzir o Negro é produzir um vínculo social de submissão e um corpo de exploração, isto é, um corpo inteiramente exposto à vontade de um senhor [...]. O Negro é também nome de injúria, o símbolo do homem que enfrenta o chicote e o sofrimento num campo de batalha em que se opõem grupos e facções sociorracionalmente segmentados (MBEMBE, 2014, p. 40).

Para ele, ainda, “a raça será um complexo perverso, gerador de medos e de tormentos, de problemas do pensamento e de terror, mas sobretudo de infinitos sofrimentos e, eventualmente, de catástrofe.” (MBEMBE, 2014, p. 25). O corpo de Maria do Rosário Imaculada dos Santos carrega o peso da raça e isso cria todas as consequências negativas para sua trajetória no mundo, pois, a partir disso, seu corpo pode ser roubado e transfigurado ao bel prazer daqueles que se intitulam o seu senhor.

Hall diz que ao naturalizar a diferença, cria-se, a partir disso, a ideia de que se as diferenças entre “brancos e negros são culturais”, então as diferenças podem ser alteradas, enquanto que se as diferenças entre brancos e negros são naturais, elas são permanentes. “A naturalização é, portanto, uma estratégia representacional que visa fixar a “diferença” e, assim, ancorá-la para sempre.”

(HALL, 2016, p. 171). Sendo assim, “os negros foram reduzidos à sua própria essência” (HALL, 2016, p. 173).

Por fim, *Maria do Rosário Imaculada dos Santos* representa a razão negra vigente no mundo, o que, segundo Mbembe, “consiste [...] num conjunto de vozes, enunciados e discursos, saberes, comentários e disparates, cujo objecto é a coisa ou as pessoas de origem africana e aquilo que afirmamos ser o seu nome e a sua verdade.” (MBEMBE, 2014, p. 57). Ainda sobre isso, Mbembe afirma que

[...] a razão negra designa um conjunto de discursos como de práticas – um trabalho quotidiano que consistiu em inventar, contar, repetir e pôr em circulação fórmulas, textos, rituais, com o objectivo de fazer acontecer o Negro enquanto sujeito de raça e exterioridade selvagem, passível, a tal respeito, de desqualificação moral e de instrumentalização prática (MBEMBE, 2014, p. 58).

Sendo assim, recriar, a partir da literatura, do lugar e do olhar atentos das pessoas negras, textos e rituais que circunscrevam e coloquem em circulação novas histórias, que abrigam e registram os caminhos dos nossos antepassados, é fundamental. Desse modo, novas gerações poderão se enxergar em representações mais verossímeis, dentro e fora do campo da literatura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto *Maria do Rosário Imaculada dos Santos*, apesar de ficcional, já que se enquadra como narrativa literária, serve como artifício para recriar a realidade de pessoas negras, desde o processo de escravização até a modernidade, e como suas experiências têm sido segmentadas e pontilhadas. Mbembe defende que,

Para construir este mundo que é o nosso, será necessário restituir àquelas e àqueles que passaram por processos de abstracção e de coisificação na história, a parte da humanidade que lhes foi roubada. Nesta perspectiva, o conceito de reparação, para além de ser uma categoria económica, remete ao processo de reunião de partes que foram amputadas, para a reparação de laços que foram quebrados, reinstaurando o jogo da reciprocidade, sem o qual não se pode atingir a humanidade (MBEMBE, 2014, p. 304).

Desse modo, “para aqueles que passaram pela dominação colonial ou a quem, num dado momento da história, a sua humanidade foi roubada, a recuperação desta parte de humanidade passa muitas vezes pela proclamação da diferença”. (MBEMBE, 2014, p. 306). É certo que a história de Maria do Rosário Imaculada dos Santos e dos negros e negras roubados do continente africano comunga do mesmo oceano salgado de lágrimas que resistiram e não se submeteram aos mais vis processos de violências e de desumanização.

Portanto, nenhuma pessoa negra está incólume desses processos de escamoteação, por isso que utilizo o conceito de escritivência para fazer um paralelo da minha vida, professora de uma universidade pública, com a vida de Maria do Rosário Imaculada dos Santos, ambas negras, com histórias e afetos roubados. Explico: eu sou a caçula de sete irmãos. E muito cedo, antes de eu completar quatro anos de idade e de minhas irmãs nem sequer completarem catorze, elas foram roubadas de mim e de toda a família para trabalhar, praticamente como escravas, na casa de pessoas brancas, que mal lhe davam de comer.

Lembro com muita tristeza de uma delas passar em casa à noite, depois do colégio, para nos visitar. E todas as noites que isso acontecia eu sentia um luto dolorido, pois minha irmã não tinha direito à família, a dormir conosco e eu não tinha direito à minha irmã e ao seu afeto. A história de escravidão deixa marcas até hoje, nos impossibilitando de viver em família e explorar as mais diversas formas de amor. Ainda penso, frequentemente, como teria sido se eu pudesse ter vivido em casa, todos os dias da minha infância e adolescência com

minhas irmãs. Quem seria eu? Quem é Maria do Rosário Imaculada dos Santos?
A razão negra no mundo não dá conta de responder.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Odailta. *Letras Pretas*. 1ª. Ed. Recife: Edição Independente, 2019.
- DAVIS, Angela. *Uma autobiografia*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- EVARISTO, Conceição. *É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos*. 2018. Disponível em: <
<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>> Acesso em 13 de maio. 2020
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: “Não leiam só minha biografia. Leiam meus textos”. Brasil de Fato. 2018. Disponível em: <
<https://www.brasildefato.com.br/2018/11/20/conceicao-evaristo-nao-leiam-so-minha-biografia-leiam-meus-textos>> Acesso em 15 de mar. 2020
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza edições, 2003.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. PUC-Rio; Apicuri: Rio de Janeiro, 2016.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. In SOVIK, Liv (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- LEE, Harper. *O sol é para todos*. 13ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Editora Antígona, 2014.
- OBAMA, Michele. *Minha História*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- PAIVA. *Minas Gerais concentrava a maior população de negros no século XVIII*. 2010. Disponível em: <
<http://antigo.acordacultura.org.br/acao/programa/minas-gerais>>. Acesso em 13 de maio. 2020.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência – poesia, grafite, música, dança: hip-hop*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- WALSH, Catherine. *Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época*. Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala: Quito, 2009. Disponível em <

<http://www.flacsoandes.edu.ec/interculturalidad/wp-content/uploads/2012/01/Interculturalidad-estado-y-sociedad.pdf> >

Recebido em 04/05/2020.

Aceito em 30/07/2020.